

## Capítulo I

### O FESTIM

Era em Megara, subúrbio de Cartago, nos jardins de Amílcar.

Os soldados que este comandara na Sicília organizavam um grande festim para celebrar o aniversário da batalha de Éryx e, como o dono da casa estava ausente e eram muitos, comiam e bebiam em completa liberdade.

Os capitães, de coturnos de bronze, tinham-se instalado no caminho do meio, debaixo de um toldo de púrpura com franjas de ouro, que ia da parede das cavaliças até ao primeiro terraço do palácio; a generalidade dos soldados espalhara-se debaixo das árvores, num espaço onde havia muitas construções de telhado plano, lagares, adegas, armazéns, fornos de pão e arsenais, com um pátio para os elefantes, fossos para os animais ferozes, uma prisão para os escravos.

As cozinhas eram rodeadas de figueiras; uma mata de sicómoros estendia-se até às manchas de verdura, onde refulgiam romãzeiras por entre os tufos brancos dos algodoeiros; videiras, carregadas de cachos, trepavam pelos ramos dos pinheiros; um campo de rosas desabrochava à sombra dos plátanos; aqui e além baloiçavam lírios sobre a relva; uma areia negra, misturada com pó de coral, espalhava-se pelos caminhos; e, a meio, a avenida dos ciprestes constituía de uma ponta à outra uma espécie de dupla colunata de obeliscos verdes.

Ao fundo, o palácio, construído de mármore núa salpicado de amarelo, acastelava os terraços dos seus quatro pisos, assentes em vastos alicerces. Com a sua grande escadaria rectilínea de madeira de ébano, que tinha nos cantos de cada degrau a proa de uma galé vencida, com as suas portas vermelhas esquarteladas por uma cruz negra, as suas redes de bronze que em baixo o defendiam dos escorpiões e as suas grades de

molduras douradas que lhe tapavam as aberturas, o palácio, na sua opulência altiva, parecia aos olhos dos soldados tão solene e impenetrável como o rosto de Amílcar.

O Conselho tinha-lhes indicado a casa dele para realizarem aquele festim; os convalescentes que dormiam no templo de Eschmun<sup>1</sup> tinham-se posto a caminho ao romper do dia arrastando-se até ali com as suas muletas. De minuto a minuto iam chegando outros. Desembocavam de todos os caminhos como torrentes que se precipitam num lago. Entre as árvores viam-se correr os escravos das cozinhas, aturdidos e seminus; as gazelas nos relvados fugiam deles balindo; punha-se o Sol, e o perfume dos limoeiros tornava ainda mais pesada a exalação daquela multidão suada.

Estavam ali homens de todas as nações, Lígures, Lusitanos, Baleares, Negros e foragidos de Roma. Além do pesado linguajar dórico, ressoavam as sílabas célticas, rangentes como carros de guerra, e as terminações jónicas esbarravam nas consoantes do deserto, ásperas como gritos de chacal. O Grego reconhecia-se pela sua cintura esguia, o Egípcio pelos ombros subidos, o Cantábrico pelas pernas fortes. Havia os Carianos baloiçando orgulhosamente as plumas do capacete, archeiros da Capadócia com grandes flores pintadas no corpo, e alguns Lídios com roupas de mulher, que jantavam de babuchas e brincos nas orelhas. Outros, que por luxo se haviam sarapintado de vermelhão, pareciam estátuas de coral.

Estavam reclinados em coxins, comiam acorados em torno de grandes tabuleiros, ou então, deitados de barriga para baixo, puxavam para si bocados de carne e saciavam-se apoiados nos cotovelos, na pacífica posição dos leões enquanto despedaçam a presa. Os últimos a chegar, de pé, encostados às árvores, contemplavam as mesas baixas que quase desapareciam sob toalhas de escarlata, e esperavam a sua vez.

Como as cozinhas de Amílcar não bastavam, o Conselho enviara-lhes escravos, loiças, camas; e no meio do jardim viam-se, como num campo de batalha quando estão queimando os mortos, grandes fogueiras claras onde se assavam bois. Os pães salpicados de anis alternavam com os grandes queijos mais pesados que discos, com as crateras de vinho e com as bilhas de água junto dos cestos de filigrana de ouro com flores. A alegria de poderem enfim fartar-se à sua vontade dilatava todos os olhos; aqui e além, rompiam as canções.

Começaram por lhes servir passarinhos com molho verde em pratos de barro vermelho decorados com desenhos pretos, e depois toda a espécie de mariscos apanhados nas costas púnicas, papas de farinha de trigo, de fava e de centeio e caracóis com cominhos em pratos de âmbar amarelo.

Seguidamente, as mesas cobriram-se de carnes: antílopes com os respectivos cornos, pavões com as penas, carneiros inteiros cozinhados em vinho doce, guisados de camelas e de búfalos, ouriços com *garum*<sup>2</sup>, cigarras fritas e arganazes de conserva. Em gamelas de madeira de Tamrappani<sup>3</sup> flutuavam, no meio do açafão, grandes pedaços de gordura. Tudo a transbordar de salmoura, trufas e assa-fétida. As pirâmides de fruta desmoronavam-se sobre os bolos de mel e não haviam sido esquecidos alguns daqueles cães pequenos de grandes barrigas e pêlos rosados engordados com bagaço de azeitona, iguarias cartaginesas abominadas pelos outros povos. A surpresa das novas comidas excitava a cupidez dos estômagos. Os Gauleses, de compridos cabelos amarrados no alto da cabeça, disputavam as melancias e os limões, que mastigavam com a casca. Uns Negros que nunca tinham visto lagostas rasgavam a pele da cara com os espinhos vermelhos. Os Gregos de cara rapada, mais brancos que o mármore, atiravam para trás das costas os dejectos dos seus pratos, enquanto os pastores do Brútio<sup>4</sup>, vestidos com peles de lobo, iam devorando em silêncio, de rosto fito no seu quinhão.

Caía a noite. Retiraram o velário estendido na avenida de ciprestes e trouxeram archotes.

Os clarões vacilantes do petróleo que ardia em taças de pórfiro assustaram no alto dos cedros os macacos consagrados à Lua. Romperam em gritos, o que foi motivo de gáudio para os soldados.

Nas couraças de bronze tremeluziam chamas oblongas. Cintilações de toda a espécie jorravam dos pratos incrustados de pedras preciosas. As crateras, debruadas de espelhos convexos, multiplicavam a imagem aumentada das coisas; os soldados apinhados em redor miravam-se nelas com espanto e faziam caretas para se rirem. Atiravam uns aos outros, por cima das mesas, os escabelos de marfim e as espátulas de ouro. Sorviam sem medida todos os vinhos gregos dos odres, os vinhos da Campânia guardados em ânforas, os vinhos dos Cantábricos transportados em tonéis e os vinhos de jujubeira, de cinamomo e de lótus. Os vinhos formavam poças no chão, onde se escorregava. O fumo das carnes subia para as ramarias juntamente com o vapor dos bafos. Ouviam-se misturados o estalido das mandíbulas, o ruído das falas, das canções, das taças, o estrondo dos vasos da Campânia que se desfaziam em mil pedaços, ou o som límpido de uma grande bandeja de prata.

À medida que lhes crescia a embriaguez recordavam-se cada vez mais da injustiça de Cartago.

A República, esgotada pela guerra, deixara que se acumulassem na cidade todas as tropas que regressavam. Gisgão, o seu general, tivera a pru-

dência de os despedir uns após outros, para facilitar a liquidação do soldo, e o Conselho acreditara que eles acabariam por aceitar algum abatimento. Mas hoje detestavam-nos por não poderem pagar-lhes. Esta dívida confundia-se no espírito do povo com os três mil e duzentos talentos eubóicos<sup>5</sup> exigidos por Lutácio<sup>6</sup>; eles eram, tanto como Roma, um inimigo para Cartago. Os Mercenários percebiam isso; e, assim, a sua indignação estalava em ameaças e excessos. Por fim, pediram para se reunir na celebração de uma das suas vitórias, e o partido da paz cedeu, vingando-se de Amílcar, que tanto defendera a guerra. Esta terminara contrariando todos os seus esforços, e assim, desesperando de Cartago, entregara a Gisgão o governo dos Mercenários. O terem indicado o seu palácio para os receber equivalia a fazerem recair sobre ele um pouco do ódio que lhe votavam. Por outro lado, a despesa devia ser excessiva; seria ele a suportá-la quase toda.

Orgulhosos por terem feito vergar a República, os Mercenários acreditavam que iriam enfim regressar a casa com o soldo do seu sangue guardado no capuz da capa. Mas as suas fadigas, recordadas por entre os vapores da embriaguez, pareciam-lhes prodigiosas e insuficientemente recompensadas. Mostravam uns aos outros os respectivos ferimentos, narravam os seus combates, as suas viagens e as caçadas das suas terras. Imitavam o grito dos animais ferozes e os seus saltos. Seguiram-se as imundas apostas; enfiavam as cabeças nas ânforas e deixavam-se ficar a beber sem interrupção, como dromedários sequiosos. Um Lusitano de gigantesca estatura, segurando um homem em cada braço, ia de mesa em mesa cuspidando fogo pelas narinas. Uns Lacedemónios que não tinham despido as couraças davam pesados saltos. Alguns caminhavam como mulheres fazendo gestos obscenos; outros punham-se nus para combater, no meio das taças, à maneira dos gladiadores; e um grupo de Gregos dançava em redor de um vaso onde se viam ninfas representadas, enquanto um Negro batia com um osso de boi num escudo de bronze.

De repente ouviram um canto lamentoso, um canto forte e suave, que descia e subia nos ares como o bater de asas de um pássaro ferido.

Era a voz dos escravos no ergástulo<sup>7</sup>. Alguns soldados levantaram-se de um salto e desapareceram para irem libertá-los.

Regressaram enxotando por entre gritos e poeira uma vintena de homens que se distinguiam pelos rostos mais pálidos. Cobria-lhes a cabeça rapada um barretinho de forma cônica, de feltro preto; todos calçavam sandálias de pau e faziam um ruído de ferraria como carros em andamento.

Chegaram à avenida dos ciprestes, onde se perderam no meio da multidão, que os interrogava. Um deles deixara-se ficar à parte, de pé. Pelos rasgões da túnica viam-se-lhe os ombros raiados por longas cicatrizes. Baixando o queixo, olhava à sua volta com desconfiança e fechava um pouco as pálpebras ofuscado pelos archotes. Quando viu que nenhum daqueles homens armados se metia com ele, escapou-se-lhe do peito um grande suspiro; murmurava, escarminho, sob as lágrimas claras que lhe lavavam o rosto; depois pegou pelas asas num cântaro cheio, ergueu-o direito no ar, nos braços estendidos donde pendiam correntes, e, olhando para o céu e sem deixar de segurar o vaso, disse:

«Antes de mais, eu te saúdo, Baal-Eschmun libertador, a quem os da minha pátria chamam Esculápio! E a ti, Génio das fontes, da luz e dos bosques! E a vós, deuses ocultos debaixo das montanhas e nas cavernas da terra! E a vós, homens fortes de reluzentes armaduras, que me haveis libertado!»

Deixou cair o vaso e contou a sua história. Chamavam-lhe Espêndio. Os Cartagineses tinham-no aprisionado na batalha das Eginosas; e, falando grego, lígure e púnico, agradeceu mais uma vez aos Mercenários; beijava-lhes as mãos; por fim, felicitou-os pelo banquete, admirando-se de não ver por ali as taças da Legião Sagrada. Essas taças, que tinham uma vide de esmeralda em cada uma das suas seis faces de ouro, pertenciam a uma milícia exclusivamente composta de jovens patrícios, os de mais elevada estatura. Era um privilégio, quase uma honra sacerdotal; por isso, nada dos tesouros da República era mais cobiçado pelos Mercenários. Detestavam a Legião por causa disso, e alguns houvera que tinham arriscado a vida pelo inconcebível prazer de beber por ali.

Mandaram então buscar as taças. Estavam em depósito nas Sissítias, grupos de comerciantes que comiam em comum. Os escravos voltaram. Àquela hora todos os membros das Sissítias estavam a dormir.

«Acordem-nos!», responderam os Mercenários.

Depois de uma segunda tentativa foi-lhes explicado que as taças estavam fechadas num templo.

«Abram-no!», replicaram os mercenários.

E quando os escravos, a tremer, confessaram que elas estavam na posse do general Gisgão, exclamaram:

«Ele que as traga!»

Não tardou que Gisgão aparecesse ao fundo do jardim com uma escolta da Legião Sagrada. A sua ampla capa negra, presa na cabeça por uma mitra de ouro constelada de pedras preciosas, e que caía à sua volta até aos cascos do cavalo, confundia-se ao longe com a cor da noite.